

A fronteira como campo de pesquisa

Eric Cardin

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
eric_cardin@hotmail.com

José Lindomar C. Albuquerque

Universidade Federal de São Paulo
joselindomar74@gmail.com

Luiz Fábio Paiva

Universidade Federal do Ceará
luizfabiopaiva@gmail.com

Pesquisar a temática das fronteiras é abrir horizontes para observar mais além dos limites heurísticos de nossas formações disciplinares e nacionais. As fronteiras nos convidam a construir perspectivas interdisciplinares e transfronteiriças capazes de problematizar os lugares comuns e limitados de nossas formações acadêmicas e de “pôr em suspenso” o *habitus* nacional enraizado em nosso processo de socialização no contexto dos Estados nacionais modernos. Fazer pesquisa de campo nas regiões de fronteira é se situar diante de um fazer social, com suas sociabilidades, dinâmicas, esquemas, complexidades e contradições. O que possibilita observar a simultaneidade de pro-

cessos nacionais e transnacionais, relações fronteiriças e transfronteiriças, mobilidades e controles, diferenças e semelhanças, distâncias e aproximações, conflitos e integrações, assimetrias e simetrias estruturais e conjunturais que se configuram de forma específica em cada realidade estudada.

Já temos acumulado uma reflexão teórica relevante sobre as fronteiras nacionais, as frentes de expansão e as fronteiras étnicas no campo das Ciências Sociais nas seis últimas décadas, graças às investigações empíricas, ao debate acadêmico internacional e ao diálogo crítico com outras disciplinas, como a geografia, história, letras, direito, relações internacionais, etc. Nesse processo reflexivo, os cientistas sociais têm pensado as fronteiras internacionais especialmente como realidades relacionais construídas a partir dos significados produzidos pelas pessoas que vivem e transitam por estes territórios entre nações. Esta perspectiva centrada nas interações, narrativas, práticas sociais, formas de dominação e resistências cotidianas também pode ser vista nos estudos sociológicos e antropológicos sobre as frentes de expansão e as territorialidades e identidades étnicas.

Nesse sentido, a fronteira é aqui entendida especialmente em sua dimensão territorial. Não se trata somente dos territórios de fronteiras internacionais, mas também dos processos de ocupação e expansão das frentes econômicas e políticas, das reconfigurações territoriais e identitárias dos grupos migratórios, indígenas, quilombolas, entre outros, assim como das diferenças, transições e mudanças entre o mundo rural e urbano. Estes territórios múltiplos e diversos são espaços de tensão, articulação e diferenciação repletos de significados e experiências sociais construídos por todos aqueles que vivenciam e lutam por seus recursos, memórias, identidades e estratégias de sobrevivência.

A fronteira como experiência social aciona ritmos diversos de con-

tinuidades e descontinuidades, reprodução e transformação de mundos sociais que se tensionam e se contagiam mutuamente. No caso específico das fronteiras internacionais, pesquisar as dinâmicas transfronteiriças é pensar sobre o que se acaba e começa, se desmancha e se compõe em trânsitos difíceis de capturar por modelos teóricos pré-fabricados. É sempre preciso estar aberto para se deixar levar pelas dinâmicas da fronteira, esquecendo em alguns momentos dos marcadores físicos que a inventam para, então, olhar para os movimentos que a tornam um pouco mais aberta, porosa e multifacetada. Ao se construir como um campo de estudo, as fronteiras, em sua pluralidade, revelam fenômenos complexos e que têm possibilitado olhares geográficos, econômicos, políticos, históricos, antropológicos, sociológicos, entre outros, para explicar a complexidade de suas existências sociais. Estudar a fronteira é uma experiência que também se faz no trânsito entre disciplinas e lugares que compõem mosaicos e sistemas relacionais que exigem dos pesquisadores se envolverem em seus múltiplos movimentos.

Ao iniciar a empreitada para feitura desse Dossiê, os editores desejavam poder oferecer a comunidade acadêmica um resultado capaz de mostrar facetas das realidades transfronteiriças, observando essa relação entre territorialidades construídas e retratadas como espacialidades físicas, mas, também, culturais. Ao pensar sobre o conceito de fronteira, os artigos selecionados para este Dossiê buscam retomar desde clássicas discussões sobre a fronteira como frente de expansão, passando pelas fronteiras internacionais até as discussões sobre limites políticos e culturais. As fronteiras são trabalhadas ao longo dos textos como espaços sociais e simbólicos em construção que abordam mudanças em modos de vida e maneiras de vivenciar, pensar e praticar cidadanias, línguas e símbolos marcados por linhas de diferenças

e desigualdades entre territórios, mas também por sobreposições de identidades e misturas culturais.

Olhar para a fronteira a partir das ações e relações de quem vive na fronteira, seja nas áreas transfronteiriças entre Estados nacionais, seja nas fronteiras em movimento das reconfigurações rurais e urbanas, foi algo importante para a escolha dos trabalhos que compõem o Dossiê. No tocante às fronteiras internacionais, podemos entendê-las como realidades que nos ajudam a compreender as dinâmicas de uma nação porque ali a realidade nacional é contrastada, naturalizada ou questionada por sujeitos que se constituem em contato com o(s) outro(s). Olhar para a fronteira é, também, observar tudo aquilo que afirma uma realidade local, regional, transfronteiriça por meio de práticas, relações e narrações que têm a função de consolidar maneiras de ser naquele lugar. Esses modos de ser e pensar a fronteira, por um lado, se constitui como referência moral de uma comunidade política e, por outro, experimenta as resistências que a modulam e subvertem em uma relação que escapa aos modelos instituídos.

Cruzar a linha de fronteira, entrando e saindo de realidades nacionais, envolve ainda um trânsito entre o legal e ilegal em função de múltiplas maneiras de estabelecer os valores e normas que atuam para estabelecer as regras do jogo. A fronteira funciona como uma margem que busca afirmar as legalidades que estabelecem os limites para ação de um grupo, ao mesmo tempo que é afetada por outras realidades em suas convergências e divergências. Na tríplice fronteira entre Tabatinga (BR), Letícia (CO) e Santa Rosa (PER), por exemplo, galos de briga podem ser criados no Peru e Colômbia e colocados em rinhas de galo que movimentam paixões e apostas, enquanto no Brasil a prática é proibida. Criam-se então ilegalidades que fornecerão os galos de briga brasileiros para os mercados legais de rinhas de galo

nos territórios nacionais vizinhos. Essas transações são praticadas de maneira pactuada por sujeitos de nacionalidades diferentes, com as legislações nacionais divergentes em relação ao tema, mas com a paixão comum pelas rinhas de galo. Não há modelos, mas práticas que agenciam os lugares e as leis para que todos compartilhem de uma experiência social proibida e permitida em territórios que se conectam por fronteiras secas e molhadas.

As áreas de fronteiras internacionais correspondem a invenções que retroalimentam o imaginário popular, com ideias que circulam pelos meios de comunicação quase sempre mostrando o quanto os limites geográficos e a falta de possibilidades para protegê-los representa, *grosso modo*, um perigo à segurança nacional. Falar da fronteira é quase um testemunho que tem dupla função para produção de conhecimento. Primeiro, os estudos desnaturalizam as imagens correntes formadas pelo enorme desconhecimento das realidades transfronteiriças que, no Brasil, só aparecem nas falas de governos e da imprensa como um “problema”. Segundo, eles realizam um trabalho político-pedagógico a nos ensinar que existem pessoas que vivem nas fronteiras de diferentes maneiras, enfrentando problemas sociais, tais como do tráfico e do contrabando, mas também criando maneiras de sobreviver em territórios que sofrem com a falta de atenção as comunidades que o constituem. A fronteira não é simplesmente uma realidade geográfica que precisa ser tratada por ordens governamentais ocupadas por construir um campo de força contra ameaças de fora. São realidades que precisam ser trabalhadas de maneira complexa, considerando as maneiras de viver de quem está na fronteira todos os dias, trabalhando, adoecendo, conversando, morrendo, se divertindo ou experimento os resultados de desigualdades e injustiças sociais.

Ao longo dos oito textos que compõem o Dossiê, verifica-se as invenções e reinvenções de marcadores sociais em movimento contínuo de transformação. As fronteiras não são locais fáceis de capturar e traduzir em texto sua complexidade. Elas estão em movimento e as pesquisas que se arriscam a entender esse fenômeno só podem fazer a partir de metodologias que se abram a essa dinâmica transfronteiriça, escapando do pré-construído. Nesse sentido, as Ciências Sociais ganham um vasto campo de renovação epistêmica em virtude das possibilidades analíticas para se entender o que se faz e se desfaz entre fronteiras, observando as maneiras de enrijecer e flexibilizar limites através de negociações entre as pessoas que estão ali se separando e se aproximando nas relações transfronteiriças. As fronteiras ainda são espaços mais complexos nos encontros entre as diferenças de gênero, raça, étnicas, religiosas, entre outras, que em cada um dos segmentos que a compõem tornam o mundo social extremamente diverso e desafiador para quem desejar o conhecer.

O Dossiê, *A fronteira como campo de pesquisa*, inicia com um conjunto de três artigos que aborda a fronteira internacional com um espaço diferencial, desigual e complementar que produz possibilidades, oportunidades e deslocamentos transfronteiriços. Trata-se de pensar a fronteira como recurso e como zona de contato entre territórios diferenciados, onde se configuram maneiras de praticar a fronteira em formas específicas de nascer, trabalhar e se divertir entre limites internacionais. A pesquisa de Santos, Rapozo e Luna investiga como mulheres grávidas acessam os serviços obstétricos transfronteiriços e agenciam as possibilidades de ter seus filhos em outros países, sempre marcados por diferenças e desigualdades entre os sistemas de saúde de cada país vizinho. O texto explora as motivações dessas mulheres que exercem decisões mobilizadas por diferentes razões tendo em

vista os benefícios sociais, o melhor atendimento médico ou o futuro educacional de seus filhos. Na sequência, o estudo de Lima sobre como viver e sobreviver na fronteira entre Paraguai e Brasil descreve as contradições de um mercado de trabalho transfronteiriço na cidade paraguaia de Salto Del Guairá. A pesquisadora revela, a partir de relatos orais e notícias da imprensa local, as diferenças entre a fronteira almejada por uma parcela da classe dominante local e aquela vivenciada pelos trabalhadores, destacando as dificuldades enfrentadas por estes em seus deslocamentos e buscas de oportunidades na cidade paraguaia. O texto posterior é o estudo de Moreno sobre as interações de grupos juvenis entre Brasil, Paraguai e Argentina. Trata-se de um trabalho etnográfico que acompanhou um grupo de maracatu sediado em Foz do Iguaçu em sua composição e deslocamentos entre as fronteiras. As práticas e relações transfronteiriças desses jovens compõem uma sobreposição de pertencimentos que remetem à ideia de nação, tanto em relação aos Estados nacionais nessa região fronteiriça, como referente aos grupos de maracatus que se apresentam como nações.

Na sequência, reunimos três artigos que enfrentaram discussões que envolvem as representações e experiências sociais da punição e da violência entre fronteiras. O texto de Faisting aborda como a imprensa constrói matérias sobre crime e violência em fronteira. O pesquisador reuniu 2.256 matérias para demonstrar como as representações do crime e violência são elaboradas a partir de critérios de escolha do que é retratado como característico da fronteira nacional. Os dois artigos seguintes estão mais centrados nas narrativas de mulheres que vivenciam as experiências de violência e punição em zonas de fronteiras internacionais, são artigos preocupados em pensar a fronteira a partir de perspectivas de gênero. O trabalho de Prada, na fronteira hispano-marroquina, aborda a narrativa de uma mulher

espanhola encarcerada no Centro Penitenciário feminino de Tetuão, no Marrocos. A autora demonstra, a partir do relato de Rita, como a fronteira é borrada por circulações, contingências e processos de fazer e desfazer uma realidade prisional transnacional. Em seguida, Melo observa como a perspectiva analítica de gênero possibilita a compreensão de fenômenos sociais referentes ao governo das fronteiras na Amazônia. Sua pesquisa revela como a retórica da *pena* e do *perigo* sobre a tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia criou as possibilidades para reprodução de formas de governo masculinizadas e pautadas por ideais de proteção policial de fronteiras “vulneráveis”.

Tendo em vista outras concepções de fronteiras, o dossiê se encerra com dois artigos que abordam as fronteiras em movimento da ocupação brasileira e as reconfigurações sociais das fronteiras entre o campo e a cidade. A reflexão de Schneide e Almeida exploram a produção cultural e intelectual acerca dos sertões e do Brasil Central para, em seguida, abordar a expedição Roncador-Xingu como parte do movimento político e econômico da Marcha para o Oeste a partir do contexto dos anos de 1940 e 1950. Esta frente de expansão territorial compõe um investimento geopolítico importante para a construção social do Brasil. Por fim, o Dossiê abre espaço para uma discussão importante que envolve não apenas fronteiras territoriais, mas fronteiras entre estilos de vida demarcados por espaços sociais distintos em suas práticas de fazer a vida. Isto é abordado no texto de Lopes a partir do fenômeno das migrações entre campo e cidade, ampliando a ideia de fronteira e produções de territorialidades a partir de um processo de luta e ocupação popular.

Para fechar o Dossiê, Luiz Fábio Paiva e José Lindomar Albuquerque apresentam uma entrevista com o professor e pesquisador Carlos Zárate Botía da Universidade Nacional da Colômbia. Trata-se de in-

vestimento intelectual feito para apresentar ao público da Revista de Ciências Sociais da UFC o saber de um dos mais importantes pesquisadores colombianos sobre a história e os fenômenos sociais que constituem a fronteira entre Colômbia, Peru e Brasil. A ideia é que, ao final da leitura do Dossiê, os atuais e futuros pesquisadores da área tenham um documento que lhes sirva de ponto de partida para uma empreitada que se faz e se refaz entre fronteiras móveis, plurais e complexas. Menos do que linhas e limites, as fronteiras são mundos sociais permeados por descontinuidades, continuidades e mudanças entre trânsitos de experiências e culturas. Abordar essa realidade móvel e multifacetada é um dos objetivos centrais do Dossiê que a comunidade acadêmica agora tem à sua disposição.